

PEDRO J. NUNES

O TAPETE DE ZEZÉ

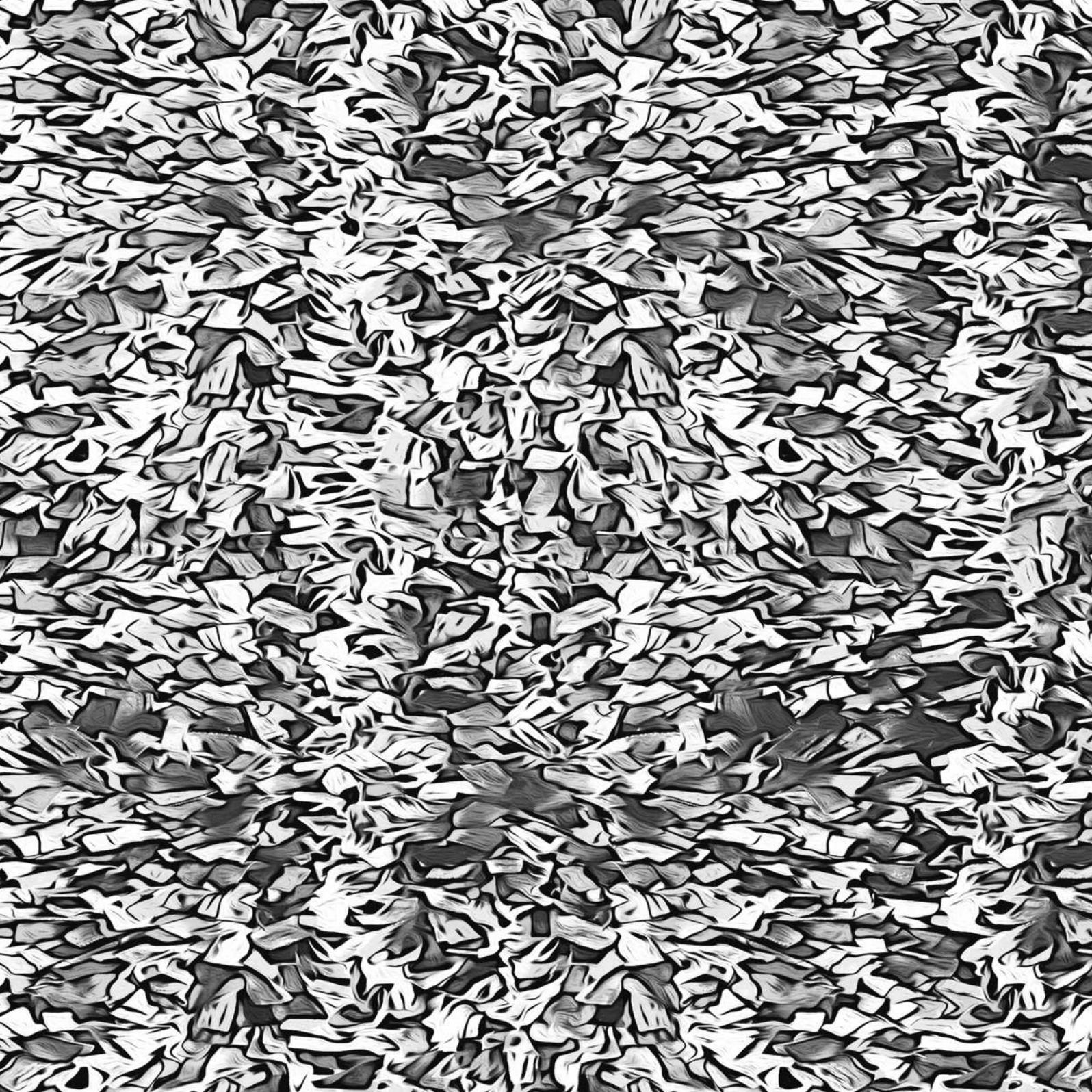


ILUSTRAÇÃO FREDERICO LEÃO

PEDRO J. NUNES

O TAPETE
DE ZEZÉ







— Me conte uma história?

— Que história, Maria Pietra?

— Ah, uma história de que eu goste.

— E se eu contar uma história de que você não goste, Pietra Maria?

— Aí você para e começa a contar outra. E meu nome não é nem Maria Pietra nem Pietra Maria. Meu nome é P-i-e-t-r-a. Quer que repita? P-i-e...

— Não precisa repetir.

— Então?

— Então o quê?

— A história?

— Hum, deixe-me pensar: batatinha quando nasce...

— Não me venha com história que comece com batatinha quando nasce nem com era uma vez

um reino muito distante. Me conte uma história de verdade.

— Mas o que vem a ser uma história de verdade, Ma... Pietra?

— Uma história que saia do fundo do seu coração.

— Você me dá um tempo para eu pensar um pouquinho?

— Está bem, mas não tenho todo o tempo do mundo.

— Posso começar com há muitos e muitos anos eu era um menino...?

— Isso quer dizer que a história é sobre você?

— Sim.

— Ah, você nem imagina. As histórias sobre as pessoas são as de que mais gosto. Mas vamos lá, você sabe, não tenho todo o tempo do mundo.

— E aonde você vai com tanta pressa?

— Ah, pare, conte logo: há muitos e muitos anos... Vamos, não me enrole.





Na verdade, Filomena Pietra, nem faz tanto tempo assim que fui um menino. Acontece que eu era um menino muito diferente. Os adultos me viam quieto num canto e logo diziam: mas que menino triste! Sabe como é! Os adultos não entendem a gente. E logo eles que já foram crianças. Não é mais fácil os adultos entenderem as crianças do que as crianças entenderem os adultos? Questão de lógica.

Mas é que eu tinha descoberto uma coisa maravilhosa: tudo que eu falava podia ser escrito, tudo que escrevia podia ser falado e podia ouvir em silêncio tudo aquilo que foi escrito pelos outros. Eu estava encantado com a descoberta das palavras!



Sabe como foi isso? Começou um dia assim:
— Meniiiiiiiiiiiiiiiiiiiiino! — era minha mãe me



chamando, e quando ela me chamava assim não era coisa boa.

Me apresentei para minha mãe, que foi logo me mandando sentar na cadeira, apontando um livro aberto sobre a mesa. Antes que eu perguntasse o que era aquilo, ela foi dizendo:

— A cartilha. Agora você vai aprender a ler.

E começou:

— Temos cinco vogais: *a, e, i, o, u*, essas letrinhas que você conhece muito bem.

A, e, i, o, u eu conhecia, sim, ia concordando com a cabeça.

— E temos as consoantes, são muitas, devagar a gente vai aprendendo todas. Elas se combinam com vogais e formam palavras.

— O que são palavras?

— Você acabou de dizer quatro.

— Quatro o quê?

— Mais três.

De matemática eu era bom, desde cedo minha



mãe brincava de matemática comigo. Fácil entender que eu falei sete palavras e que palavras eram a forma de dizer as coisas.



Be-a-bá, ce-a-cá. Mas aí tinha um problema sério. $C + a$ devia ser Sá. A explicação não me convenceu muito:

— Antes de a , C se pronuncia como Q : a-ba-ca-te!

Abacate eu conhecia! Adorava abacate com açúcar! A-ba-ca-te! A-ba-ca-xi! Ca-ba-na-na-árvore.

E um dia, um belo dia, eu a-ca-bei a cartilha. E aí descobri que o mundo não tinha limites. Eu podia ler tudo... ou quase tudo. Alguns livros lá em casa foram colocados nas prateleiras mais altas da estante, onde nem subindo em cadeira eu podia alcançar.

— Por que os livros se mudaram lá para cima?

FIM DA AMOSTRA DE

O TAPETE DE ZEZÉ